

B.K. BORISON

AUTORA DE *Um namorado de Natal*

“A série Lovelight
é meu lugar feliz.”

– SARAH ADAMS, AUTORA DE
TÁTICAS DO AMOR



VERUS
EDITORA



UM AMOR DE CIDADE PEQUENA

SÉRIE LOVELIGHT

B.K. BORISON

AUTORA DE *Um namorado de Natal*

“A série Lovelight
é meu lugar feliz.”

— SARAH ADAMS, AUTORA DE
TÁTICAS DO AMOR



VERUS
EDITORA



UM AMOR DE CIDADE PEQUENA

SÉRIE LOVELIGHT

Outros livros de B.K. Borison

Um namorado de Natal

B.K. BORISON

**UM AMOR
DE CIDADE
PEQUENA**

Tradução

Carolina Candido

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2024



**VERUS
EDITORA**

Título original

In The Weeds - Lovelight Series

ISBN: 978-65-5924-316-7

Copyright © B.K. Borison, 2022

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir no todo ou em parte. Edição publicada mediante acordo com Berkley, um selo de Penguin Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Tradução © Verus Editora, 2024

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380

www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B739a

Borison, B. K.

Um amor de cidade pequena [recurso eletrônico] / B. K. Borison; tradução Carolina Candido. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Verus, 2024.
recurso digital

Tradução de: In the weeds

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-316-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Candido, Carolina. II. Título.

24-92121

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário



Dedicatória

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

Epílogo

Capítulo extra

Agradecimientos

Para todos que estão à procura da felicidade.
Espero que saibam o tamanho da sua coragem.

PRÓLOGO



BECKETT

Agosto

ELA ESTÁ SENTADA no bar quando entro, o calor sufocante do verão às minhas costas. Minha camisa molhada da chuva está grudada no corpo, e os olhos dela se fixam em todas as partes — um sorriso curvando os cantos da boca.

Pernas compridas em um shortinho curto. Cabelos pretos e lisos que vão até a cintura. Batom vermelho na boca carnuda. Quando a porta se fecha, ela se vira no banquinho e me olha como se eu a tivesse feito esperar. Ergue uma das sobrancelhas, parecendo estar puta da vida por isso.

— Desculpa — digo e me sento no banco ao lado dela, sem saber ao certo por que estou me desculpando ou como decidi me sentar ali. Estou dividido entre querer fazer e fazer de fato, a umidade de fora se prolongando em mim.

Ela pisca, os cílios se agitando como se estivesse entretida, e o calor grudento parece se estender no espaço entre nós.

— Pelo quê?

Eu... não faço ideia. Esfrego o maxilar com a palma da mão e me ocupo analisando o cardápio de bebidas, o calor inexplicável da vergonha queimando minhas bochechas. Nunca achei que tivesse algum charme, mas costumo ser melhor nesse tipo de coisa.

Aponto com a cabeça para o copo meio vazio dela.

— Está bebendo o quê? — pergunto. Ela comprime os lábios para esconder o sorriso e balança o copo para a frente e para trás.

— Tequila.

Devo ter feito uma careta, porque ela ri e ergue o queixo, os olhos escuros fixos em mim.

— Que foi? Não curte?

Balanço a cabeça e ela apoia o copo no balcão entre nós, então o vira de novo e de novo com as lindas mãos. A sobancelha um tanto erguida na testa.

— Pode ser que você só não tenha bebido do jeito certo.

— Pode ser — concordo. Ponho os dedos em cima dos dela para fazer a mão parar de se mover e trago o copo até a boca. Me certifico de pousar os lábios na marca de batom vermelho que ela deixou.

Fumaça. Limão. Um pouco de sal.

Apoio o copo no balcão e passo a língua pelo lábio inferior.

— Nada mau — comento.

Ela sorri para mim, os olhos escuros se arrastando por meu maxilar como unhas.

— Nada mau mesmo.

ELA TEM UMA cicatriz na parte de cima da coxa.

Não sei se percebe que, a cada vez que passo meu dedão em cima, ela estremece, a perna apoiada no meu quadril, onde está emaranhada em mim. Tem cheiro de limão e alecrim, e enfio o nariz no espaço logo abaixo da orelha, o perfume mais forte ali, arrastando meu rosto até dar um beijo na curva suave da garganta.

Ela murmura.

Não consigo parar de tocar sua pele, de sentir sua maciez contra mim. Os dedos dela estão mergulhados nos meus cabelos, e afundo meu rosto em seu pescoço com um gemido. Ela ri na minha clavícula.

Duas noites juntos e, oficialmente, nem consigo mais me reconhecer. Evie é como uma onda que vem e me derruba pelos tornozelos. Um empurrão breve e eficaz. Uma felicidade inevitável.

Passo o polegar na cicatriz de novo, mais devagar desta vez, e ela empurra o nariz no meu ombro.

— Eu não costumo fazer esse tipo de coisa — diz.

Olho para a mesa virada no canto, a cafeteira que, de alguma forma, conseguiu se manter no lugar após nossa entrada bastante entusiasmada no quarto. Não sei onde foi parar o prato de cerâmica com os cosméticos, mas os pequenos potes de

plástico estão espalhados pelo carpete como estrelas caídas. Pontinhos brancos no chão azul-marinho.

Deslizo a mão pelas costas dela e abro bem os dedos, para envolvê-la em um único toque. Evie é quente sob meu toque, a pele de um marrom intenso e uniforme. Como uma garrafa de uísque na prateleira mais alta, a luz da tarde dançando por ela.

Eu me mexo embaixo do seu corpo, com um grunhido quando as coxas dela roçam em um lugar interessante.

— Quase destruir um quarto de hotel?

Ela movimentava a testa de um lado para o outro no meu pescoço enquanto ri e desliza por meus ombros, deitando em meu peito. Então se apoia em um braço e descansa o queixo na palma da mão.

— Não — Evie responde. Então leva a mão atrás da minha orelha e tira uma pena dos meus cabelos, olhando para o travesseiro meio rasgado que foi parar embaixo da minha cabeça sabe-se lá como. Estou surpreso por não ter arrancado os lençóis da cama na segunda vez — quando ela arranhou minhas costas com as unhas, as pernas compridas em volta dos meus quadris e os dentes cravados na minha clavícula. Evie suspira, baixo e devagar, os olhos procurando os meus, um sorriso confuso inclinando seus lábios quando enrolo uma mecha de seu cabelo em volta do dedo e puxo. Cerca de vinte minutos atrás, ele estava todo nos meus punhos, e ela parece se divertir por eu ter me contentado com uma mecha agora.

— Não sou de me distrair em viagens de trabalho — explica.

Nem eu. Na verdade, não sou de me distrair nunca. Ainda que prefira relacionamentos casuais, não estava planejando nada do tipo nesta viagem. O Congresso de Agricultura Orgânica do Nordeste não é exatamente um lugar de pegação. Ou ao menos não era.

O copo de tequila que dividimos no bar em que estávamos logo virou um shot. Depois do shot, Evie decidiu pedir a garrafa inteira. E da garrafa fomos para o momento em que lambi o sal em seu pulso, seus joelhos pressionados no meu embaixo do bar. Seguimos para o pequeno hotel no alto da colina, esbarrando em tudo que víamos pela frente, e caímos na cama como se tivéssemos sido feitos para isso.

E, ao que parece, não me importo tanto com a tequila quando posso sentir seu gosto vindo dela.

E agora estamos aqui, sem roupas e emaranhados pela segunda noite seguida. Eu disse a mim mesmo que não ia voltar àquele bar, não ia procurá-la. Mas não

conseguia parar de pensar nela. Sua pele na minha. O gemido baixo e rouco quando deslizei a mão entre suas pernas. Os cabelos escuros espalhados nos travesseiros brancos e firmes.

Assim que o último palestrante terminou de falar no congresso, fui direto para lá, mergulhando como se ela estivesse cantando a maldita canção de uma sereia. E lá estava ela, sentada no mesmo banquinho, aquele mesmo sorriso iluminando cada centímetro do rosto.

Deslizo os dedos pelo braço dela, hipnotizado pelos arrepios seguidos causados pelo meu toque.

— Você se arrepende? — Eu me endireito, movendo-a com gentileza para fazer o mesmo. Ela se ajeita, as pernas compridas se encaixando ao redor dos meus quadris. — Da distração — completo.

O suor mal secou na minha pele, mas eu a quero de novo. Sinto que posso me arrepender disso a cada vez que olho para ela. Quero provar seu gosto na extensão de sua garganta, sentir seu corpo estremecer e se remexer embaixo de mim. Quero pressionar minha mão nas covinhas na base de sua coluna e sentir sua pele queimar como o inferno conforme ela se move contra mim.

Evie sorri e morde o lábio inferior como se soubesse no que estou pensando, traçando a linha da tatuagem em meu ombro. Ela dá um tapinha ali e tenho um vislumbre de nós dois no espelho acima da penteadeira, lençóis brancos retorcidos e pele que brilha como folhas de ouro, meu braço em volta da cintura dela. Nunca quis tirar uma foto de mim mesmo, mas a vontade surge quente e dilacerante agora, a pele nua dela tocando a minha. Seu rosto em meu pescoço e o contorno da bunda se deixando entrever.

Enfio o nariz embaixo de seu queixo e dou um único e demorado beijo acima da pulsação acelerada — encorajando-a, sem dizer nada, a responder à pergunta.

— Não. Acontece que você é uma distração das boas, Beck. Do melhor tipo, na verdade — ela responde em um sussurro, um segredo no escuro. Para de falar por alguns instantes e depois acrescenta: — Você se arrepende?

Não, eu não me arrependo. Por mais que devesse. Sorrio e passo os dentes pela linha da sua garganta, mordiscando a orelha e puxando uma única vez. Pelo espelho, observo todo o corpo de Evie estremecer, os quadris vindo de encontro aos meus.

— Gosto de distrações como você — digo enquanto a tomo pela cintura. Eu a guio para um ritmo suave em cima de mim até que estamos os dois arfando, as unhas dela arranhando meus cabelos.

— Você... — ela murmura e se ergue, ficando de joelhos, a mão no meu peito me guiando até que minhas costas estejam pressionadas contra a cabeceira da cama. Ela é mandona quando quer, e gosto que me diga exatamente quais são suas vontades, como quer que eu faça. A rouquidão de sua voz em meu ouvido ontem à noite me fez estremecer, as mãos apertando os quadris dela enquanto seguia cada uma de suas instruções.

Mais devagar.

Mais forte.

Isso, assim. Bem aí.

Minha cabeça bate na madeira com um baque surdo, e ela se ajeita no meu colo, reorganizando os lençóis até ficar pele com pele, um gemido baixo de desejo na minha garganta. Ela murmura algo que não decifro e então suspira, outro som que persigo com meus lábios nos dela. Ela se afasta e olha para mim com os olhos pesados.

— Você queria mais?

A pergunta me faz rir. Olho para ela e parece que tudo que sinto é desejo. Eu me inclino até encontrar sua boca, dou um beijo e depois a lambo, minha mão descendo da nuca para o maxilar. Eu a seguro ali até que as mãos dela se fechem em punhos nos meus cabelos, o corpo se mexendo impaciente em cima do meu.

Também posso ser mandão.

— Eu quero mais — digo, outra confissão, minha mão descendo entre nós para acariciar a pele macia entre suas pernas. — Eu quero tudo.

ACORDO COM O som distante de um trovão, a chuva tamborilando no vidro grosso. Uma brisa fresca entra pela janela aberta, e eu me contorço debaixo dos lençóis com um gemido, a mão procurando a pele aquecida pelo sono. Minha última lembrança é de Evie murmurando algo sobre o serviço de quarto, aconchegando-se ainda mais nos cobertores e adormecendo com as duas mãos me segurando pelo braço. Foi... gostoso. Diferente, mas gostoso.

Eu me apoio nos cotovelos e olho para a cama vazia ao meu lado. Fico surpreso por não ter ouvido Evie se movimentar pelo quarto — nem mesmo percebi quando se levantou da cama. Não costumo dormir tão pesado assim.

Meu olhar vai para o banheiro, a porta entreaberta, o vislumbre de uma toalha usada pendurada atrás. Pode ser que tenha saído para pegar café, mas não vejo a mala dela, e a mesinha de cabeceira está vazia. Analiso todo o espaço do quarto.

Os únicos sinais de que Evie um dia esteve aqui são um copo meio cheio de água na penteadeira e um recibo amassado na mesa.

Desabo com a cara primeiro no travesseiro.

Ao menos essa é uma sensação familiar. Acordar sozinho.

— Idiota — digo para mim mesmo. Suspiro e dou um tapa na testa.

Sou mais esperto que isso.

Tenho coisas a fazer aqui, e nenhuma delas envolve me deixar distrair por uma mulher maravilhosa com pernas compridas.

Eu deito de costas e observo as nuvens de tempestade que se acumulam do lado de fora da janela. Só preciso me lembrar de que coisas são essas.

EVELYN

Novembro

BOM.

Eu não esperava isso.

Ando de um lado para o outro no quarto da única pousada em Inglewild, minha sombra me seguindo no papel de parede floral. Jenny, a proprietária, deve ter vindo aqui enquanto eu estava na fazenda, porque quando volto encontro velas e biscoitos, tão acolhedor e romântico.

Franzo a testa para uma vela marfim e repenso minhas opções.

Estava em uma pousada parecida naquele fim de semana em Maine. Havia flores no parapeito e um homem coberto de tatuagens na cama, em cima de mim, a boca no meu pescoço e a risada gutural na minha orelha. O mesmo homem que acabei de encontrar na fazenda em que, pelo jeito, ele deve trabalhar, e para a qual fui enviada para avaliar.

Eu. Não. Esperava. Isso.

Os biscoitos na brilhante bandeja de prata são tentadores. Pego um deles e desbloqueio o celular.

Josie atende no terceiro toque.

— Você chegou bem?

— Temos um problema — anuncio, a boca cheia de chocolate amargo e pasta de amendoim.

— Oh-oh. — A voz dela fica séria, o barulho de papéis sendo remexidos do outro lado da linha, o som de uma caneca sendo apoiada no descanso. Verifico as horas. Ainda é fim de tarde em Portland. Ela deve estar na oitava xícara de café. — O Sway reservou um daqueles negócios de escape room para você de novo?

Dois meses atrás, minha agência achou que me trancar em uma sala por quarenta e cinco minutos sozinha seria uma excelente fonte de conteúdo. Sem me preparar e sem me avisar. Ainda bem que não sou claustrofóbica.

— Não, mas obrigada por me lembrar. — Josie ri, e desabo nos pés da cama, de olho na bandeja de biscoitos. — Fui até a fazenda hoje.

— E aí? Você estava empolgada.

Eu *estava* empolgada. *Estou* empolgada. Uma fazenda de árvores de Natal um pouco depois da Costa Leste de Maryland, de propriedade e administrada por uma mulher chamada Stella. A história dela é adorável e romântica, e, apesar de ter visto pouco da fazenda hoje, achei o lugar mágico. Só não estava esperando que o principal agricultor dela fosse o mesmo homem com quem tive meu primeiro — e único — sexo casual três meses atrás.

Ele entrou naquele bar, os cabelos bagunçados, uma camisa branca com as mangas um pouco arregaçadas e olhos verdes como vidros do mar. Bastou me olhar para que eu sentisse borboletas no estômago.

— O Beckett está aqui.

— Quem?

— Você sabe — abaixo a voz —, o *Beckett*.

Ouço o remexer desajeitado da caneca e uma série de palavrões muito criativos.

— O Beckett de Maine? Aquele Beckett gostoso e tatuado? — Ela inspira entre os dentes, e quando fala de novo a voz está três oitavas mais alta. — Aquele do dia fora do comum, em que Evie finalmente se liberou e dormiu com alguém que acabou de conhecer? Esse *Beckett*?

Desisto e pego outro biscoito.

— Ele mesmo.

Eu estava sentada no sofá de Josie, enrolada como um burrito, quando contei sobre Beckett para ela, após muitas taças de sauvignon blanc. Não conseguia entender por que ainda estava pensando nele, tantos meses depois. Era para ser uma diversão passageira. Uma noite inofensiva. Sem exigências.

Não uma coisa para ser revivida em apresentações marcantes a cada noite, em meus delírios febris.

Josie ri, uma gargalhada aguda que me faz afastar o celular da orelha.

Reviro os olhos.

— Muito obrigada pelo apoio.

— Desculpa, desculpa — diz ela, ainda sorrindo. Tenta se recuperar, mas deixa escapar outra risada. — O que ele faz aí? Está visitando?

— Não, ele trabalha aqui. É responsável pelas operações da fazenda. — Ele comanda o lugar com a proprietária, Stella, e a mulher que cuida da padaria, Layla. Isso a faz rir de novo. Considero arremessar o celular pela janela.

— Acho que isso explica por que ele era tão bom com as mãos, não?

— Eu vou te demitir.

Eu nunca disse nada a Josie sobre as mãos de Beckett, mas me lembro delas com detalhes agora. Como a palma cobria minhas coxas por completo. Como, quando ele flexionava os dedos e os erguia, os bíceps faziam algo delicioso. Eram mãos exigentes, me guiando na posição perfeita. A pressão do dedão dele atrás da minha orelha. As linhas delicadas de uma constelação que iam do pulso até o cotovelo.

— Você nunca me demitiria — responde Josie. — Como ia fazer para se divertir?

Nomeei Josie como minha assistente pessoal desde que fizemos dezoito anos e decidi criar um canal no YouTube. O papel e cargo dela foram formalizados quando explodi nas redes sociais, mas seu trabalho como minha melhor amiga ainda é a maior prioridade. Sempre posso contar com ela para me falar a verdade.

É o que mais gosto e mais detesto nela.

— Ok, vamos recapitular. Você pegou um desconhecido supergostoso em agosto. Saiu sem dizer uma única palavra e agora, em novembro, encontrou com ele de novo enquanto analisava a fazenda em que ele trabalha para um concurso nas redes sociais. — Ela emite um som de quem está se divertindo, o que não acho nada engraçado. — Mas falando sério. Qual a chance de acontecer algo?

— Não faço ideia.

— E o que você vai fazer?

— De novo. Eu não faço ideia.

Puxo um fio solto na ponta da colcha. Não posso ir embora. O que vou dizer para a empresa que está me patrocinando? *Desculpa, não posso fazer esta viagem porque transei com um dos funcionários três meses atrás.* Eles têm sido bem legais nas reuniões, mas acho que isso não funcionaria.

E, além do mais, não costumo fugir dos meus problemas. Beckett foi uma escolha. Uma escolha da qual não me arrependo, apesar de as lembranças daquela noite terem grudado em mim feito chiclete. Eu estava falando a verdade quando disse que ele era uma distração e tanto. Pela primeira vez, estava fora de mim de tanto prazer. Eu ri. Eu me diverti.

Eu me senti eu mesma.

Mas vim aqui fazer o meu trabalho. A Stella merece. A Fazenda Lovelight é ainda melhor que tudo aquilo que ela descreveu na inscrição do concurso. Ela merece ser uma das finalistas nessa competição e merece o reconhecimento. Eu só preciso de um segundo para me recuperar. Para superar o choque de me encontrar com Beckett e seguir em frente.

— O plano é... — Não tenho um plano. Olho em volta do quarto em busca de inspiração. Acho que o plano é comer o restante dos biscoitos. Encontrar uma garrafa de vinho... em algum lugar.

Alguém bate na porta e eu respiro fundo. Encaro o olho mágico de onde estou com certa apreensão. Não preciso tentar adivinhar quem está do outro lado.

— Meu Deus, alguém acabou de bater na porta? — Josie está transtornada. — É ele?

Eu me levanto da cama e arrumo os cabelos. É claro que é ele.

— Preciso desligar, Josie.

— Muda para o FaceTime — exige ela —, esquece, deixa que eu faço isso. Evie, juro por Deus que se você deslig...

Eu desligo antes que ela possa terminar a ameaça e jogo o celular sobre a mesinha de cabeceira. Ele começa a tocar no mesmo instante com uma chamada de vídeo que ignoro, além de colocar um travesseiro em cima por precaução.

Vou devagar até a porta e hesito, a mão pairando na maçaneta. Quando Beckett entrou na padaria hoje mais cedo, senti aquele mesmo frio na barriga. Como da primeira vez que o vi. Foi como escancarar uma lembrança para dar mais uma olhada. Camisa de flanela em vez da camisa branca. Boné de beisebol virado para trás com uma árvore pequena bordada.

Olhos arregalados, surpresos.

Abro a porta como se estivesse arrancando um curativo e vejo Beckett com os braços apoiados no batente, as mãos segurando as bordas, como se estivesse se obrigando a ficar ali. Os dedos flexionam, e na mesma hora me lembro daquelas mãos segurando com força minhas coxas, Beckett de joelhos na minha frente, uma única mecha dos cabelos loiros escuros caindo na testa.

Engulo em seco.

— Oi — sussurro. Mal consigo olhar para ele, e minha voz soa como se eu tivesse engolido seis folhas de lixa. *Não sabe nem disfarçar, Evie.*

Limpo a garganta.

Ele pisca para mim, os olhos vagando um pouco preguiçosos, do topo da minha cabeça para o drapeado do suéter em meus ombros. Ele passa a língua pelo lábio inferior, e sinto que talvez fosse melhor eu agarrar o batente da porta também. Segurar a aldrava de latão como se minha vida dependesse disso.

Não sei o que me fez levar Beckett para o quarto naquela noite tempestuosa de verão tantos meses atrás. Nunca tive interesse em encontros casuais. Só que...

Eu o desejei assim que o vi entrar no bar.

Bom saber que o efeito que ele tem em mim não diminuiu nem um pouco.

— Oi — sussurra ele de volta. Beckett solta o ar pelo nariz e se afasta do batente, olhando por cima do ombro para o corredor vazio. Dou uma boa olhada em seu maxilar forte e preciso limpar a garganta de novo. — Posso entrar rapidinho?

Assinto e dou um passo para trás, deixando-o passar pela porta estreita. Ao que tudo indica, minhas vagas lembranças não fizeram justiça ao tamanho dele. Parece grande demais parado no meio do cômodo, com as mãos nos bolsos, fingindo analisar a pintura de um lago pendurada acima da mesa. Fecho a porta e tento não pensar na última vez que estivemos fechados em um quarto.

Cortinas brancas e leves. Lençóis retorcidos. Uma mão quente espalmada no meio das minhas costas. A voz dele no meu ouvido, me dizendo quanto eu era gostosa. *Que queria mais.*

Balanço a cabeça e me apoio na penteadeira, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. Não estou me ajudando, nem um pouco.

— Você queria conversar?

Ele assente, ainda distraído pela pintura. Então me olha de canto de olho.

— Influenciadora digital, é?

Não gosto do tom de voz dele, a acusação implícita que percebo. Não falei o que eu fazia, mas ele também não me disse nada. Estávamos muito focados em... outras coisas durante o tempo que passamos juntos. Ele não me reconheceu quando entrou no bar, e isso foi uma surpresa agradável. Uma novidade.

Por mais ridículo que possa parecer, os homens não costumam me desejar por minha causa. Geralmente, quando um homem me aborda, é porque vê alguma vantagem — quer uma foto dele em uma das minhas redes, uma menção ao seu produto. Certa vez, um cara me perguntou se eu topava gravar um vídeo fazendo sexo.

Então, quando Beckett entrou naquele bar minúsculo com os braços tatuados e o olhar que pousou em mim com admiração em vez de cobiça, aproveitei a chance. *Quis algo para mim.*

Todo o bem que aquilo me faria.

— Fazendeiro, é? — Imito o tom indiferente e observo os cantos da boca dele virando para baixo, os punhos cerrados nas laterais do corpo.

— Fiquei surpreso, só isso — responde, ainda com o tom levemente sarcástico. Como se mal pudesse acreditar que precisa ter essa conversa comigo. Como se trabalhar com redes sociais fosse a coisa mais vil e repulsiva que ele

poderia imaginar. Ele solta o ar pelo nariz e esfrega os nós dos dedos no maxilar.
— Eu não esperava te ver de novo.

Obviamente, eu também não esperava vê-lo, considerando que saí correndo da padaria da fazenda esta tarde como se o lugar estivesse pegando fogo. Mas isso não significa que vou agir como uma idiota.

Ele me observa com atenção, os olhos estreitos. Queria que a bandeja de biscoitos estivesse mais perto.

— Você sabia? — pergunta ele.

— Sabia do quê?

— Que eu trabalhava aqui?

Franzo a testa e ergo o queixo. Ele acha que fiz de propósito? Que vim até o lugar que ele trabalha para... o quê? Assediá-lo? Envergonhá-lo?

— Claro que não — respondo, a voz firme. — Também achei que nunca mais ia ver você de novo.

Ele sorri, e não é um sorriso divertido.

— Bom, você deixou isso bastante claro, Evie.

Eu pisco para ele.

— Desculpa — acrescenta, a voz rouca. Não é um pedido sincero. — Você deve preferir que eu te chame de Evelyn.

Algo em meu peito aperta com o tom afiado naquelas palavras. Ele parece frustrado, desconfortável. Está muito quieto no canto da mesa, uma expressão dura no olhar. Não sei por que dói para ele me chamar de Evelyn, mas percebo que dói.

Mas nada disso importa. Não importa que Beckett esteja me olhando como se eu fosse alguma coisa presa na sola de seu sapato.

Isso não muda nada entre nós. Não muda o que aconteceu antes e não muda o que está acontecendo agora.

É só que... com ele, eu fui a Evie.

E foi bom.

O silêncio aumenta entre nós até parecer que há um peso em meus ombros. Beckett não parece estar com pressa para quebrar esse silêncio. Ele tira o chapéu enquanto resmunga e passa a palma da mão para a frente e para trás sobre a nuca. Nos cabelos, até que metade deles estejam espetados.

— Olha, eu não... — Ele inclina a cabeça para trás e olha para o teto, virando o pescoço para o lado em um alongamento tenso. Suspira e se endireita, me encarando com um olhar que de alguma forma canaliza aborrecimento e irritação

ao mesmo tempo. Não sei o que achar desse olhar. Não sei o que achar de tudo isso. Essa versão dele é muito diferente do homem com palavras suaves e toques cuidadosos, a risada silenciosa e rouca no escuro. — Desculpa. Eu não vim aqui por causa de nós dois. — Cerra o maxilar com tanta força que fico surpresa por ele conseguir falar. — Vim aqui para ... para pedir que você fique.

Não consigo segurar o som que escapa da minha boca. Se é assim que ele acha que vai me convencer a ficar, odiaria saber como Beckett agiria se quisesse me fazer ir embora.

— Você precisa melhorar esse discurso.

— Evelyn.

— Estou falando sério.

Ele franze ainda mais a testa.

— Esse concurso é muito importante para a Stella. E para mim também. A fazenda precisa da sua ajuda, e eu gostaria que você nos desse uma chance de verdade.

Outro puxão doloroso no meu peito.

— E você acha que eu não ia dar?

— Você fugiu de mim mais cedo — ressalta, um leve sorriso se formando no canto da boca. Odeio perceber que isso faz uma onda de calor subir pela minha espinha. — Quer dizer, você literalmente saiu correndo da padaria quando me viu.

Olho para os meus pés. Não me orgulho daquela reação. Mas não sabia o que fazer.

— Eu sei.

Um tipo diferente de silêncio paira no ar.

— Eu queria uma garantia ... — diz, a voz baixa. Ele se movimenta, hesitante, desconfortável. — Bom, de que você vai ficar.

— E como seria isso? — pergunto na direção dele. Quando não responde, suspiro e olho nos olhos dele. A testa franzida, uma pequena linha entre as sobrancelhas se aprofundando. — Como eu iria garantir?

Eu poderia escrever um haicai para ele. Fazer um bolo e assinar na cobertura de creme de manteiga. Sei que está inseguro pelo jeito como fui embora, mas foi só uma noite — tudo bem, duas —, um único fim de semana juntos.

Não devo nada a ele.

Seus olhos brilham em um tom mais escuro. Pela primeira vez desde que entrou no quarto, Beckett sustenta meu olhar. Há uma atração palpável entre nós.

Sinto com tanta intensidade quanto um toque em meu braço. Na parte inferior das minhas costas.

— Uma promessa — responde.

— Você quer que eu faça um juramento de sangue?

Ele faz um som nada divertido.

Reviro os olhos.

— Estou aqui para fazer o meu trabalho, Beckett. Não vou deixar nada atrapalhar isso. A Stella merece o meu melhor. Não tenho a mínima intenção de estragar isso.

Sempre dou o meu melhor. Por mais que ele ache meu trabalho ridículo, sei da influência que tenho em meus seguidores. Posso trazer visibilidade para a fazenda — clientes, mais atenção, mais movimento, mais do que eles jamais viram.

— Então você promete?

Assinto, de repente morta de cansaço. Quero comer o restante de biscoitos da bandeja e ir para a cama, nessa ordem.

Quero que o fantasma das trepadas casuais do passado encontre a saída mais próxima.

— Prometo. Eu vou estar aqui amanhã. Podemos começar de novo.

— Você não vai embora? — pergunta, e eu me lembro de uma manhã nublada e cinzenta, uma tempestade se aproximando da costa. O braço dele esticado sob os travesseiros, a pele nua das costas e a curvatura da coluna. O barulho suave da porta fechando atrás de mim, minha mala aos meus pés.

Respiro fundo e solto o ar devagar. Não é culpa dele não acreditar em mim. Aparentemente, Beckett é do tipo que guarda rancor. Pego outro biscoito da bandeja.

— Eu vou ficar.

1



BECKETT

Março

— *VOCÊ TEM PLANOS de voltar para a cama?*

A voz está rouca de sono, e ela tem um chupão bem na base da garganta, um roxo-escuro que não consigo parar de encarar. Ela estica os braços acima da cabeça e o lençol desliza um centímetro, os seios volumosos surgindo por baixo dele. Quero pegar aquele lençol com os dentes e arrastá-lo para baixo até que ela fique nua embaixo de mim. Quero centenas de outras coisas também. Balanço a cabeça de onde estou sentado à mesa no canto da sala e tomo outro gole de café.

Controle-se, digo a mim mesmo. Faça o favor de se controlar.

Ela sorri para mim.

— *Humm, já entendi. — Ela abaixa as mãos, uma remexendo nos cabelos, a outra deslizando para debaixo dos lençóis. Uma sobrancelha arqueada em convite. — Você gosta de assistir.*

Tenho certeza que gostaria de qualquer coisa com Evie. Quero aqueles cabelos pretos e sedosos envoltos no meu punho, aquela boca sorridente no meu pescoço. Ontem à noite ela passou bons minutos traçando a tatuagem no meu bíceps com a boca, e eu também quero isso. Quero retribuir o favor com as sardas na parte interna do pulso e as marcas nos quadris.

Eu me afasto da mesa e coloco a xícara de lado. Dou um passo em direção à cama e observo o movimento de sua mão. Ela a passa na barriga, um sorriso malicioso em seu lindo rosto. Apoio o joelho na cama e encontro seu tornozelo, o pé descalço pendurado na beirada.

— *Eu adoro assistir — digo a ela enquanto agarro sua coxa e abro espaço para meu corpo entre as longas pernas. Dou um beijo na parte interna de seu joelho e todo o seu corpo estremece. Deixo outro beijo logo acima. — Mas gosto ainda mais de tocar.*

Um dedo empurra meu peito enquanto sou violentamente arrancado do meu devaneio favorito.

— Você está prestando atenção?

Meu joelho oscila e a bota fica presa na cadeira à minha frente, fazendo Becky Gardener balançar precariamente para o lado. Ela se segura na cadeira, os nós dos dedos brancos pela força, e me encara feio por cima do ombro. Olho com atenção para minhas botas enquanto murmuro um pedido de desculpas.

— Estou prestando atenção — digo a Stella e afasto a mão dela.

Mais ou menos. Não muita. Tem gente demais nesta sala. Todos os donos de negócios da cidade estão espremidos no espaço de conferências da sala de recreação, uma sala antiga que tenho certeza de que é usada para guardar decorações de Páscoa, se o coelho um tanto assustador de um metro e oitenta no canto dos fundos servir de pista. Tem cheiro de café requentado e spray de cabelo, e as mulheres não pararam de rir desde que passaram pela porta. É como ficar sentado de pernas cruzadas no meio de um desfile, enquanto a fanfarra passa ao meu redor. Meus ombros estão tensos com tanto barulho, o desconforto como uma coceira no pescoço.

Eu não paro de olhar para o coelho.

Não costumo comparecer a esse tipo de coisa, mas Stella insistiu. *Você quis ser sócio*, disse ela. *É isso que os sócios fazem.*

Achei que ser sócio significava poder comprar o fertilizante mais sofisticado sem ter que consultar ninguém, e não participar de reuniões que não serviam para nada. Tem um motivo pelo qual escolhi um trabalho em que poderia passar setenta e cinco por cento do meu dia fora.

Sozinho. No silêncio.

Tenho dificuldade em falar com as pessoas. Dificuldade em encontrar as palavras certas, na sequência certa e no momento certo. Cada vez que venho à cidade, sinto que todos estão olhando diretamente para mim. Sei que parte disso é fruto da minha imaginação — e parte é por Cindy Crowell fingindo cair no corredor da farmácia só para que eu tenha que ajudá-la a se levantar. Ou Becky Gardener, da escola, me perguntando se posso organizar uma excursão enquanto me olha como se eu fosse um bife malpassado com batatas de acompanhamento.

Não faço ideia do que acontece grande parte das vezes em que vou até a cidade, mas sinto que as pessoas enlouquecem.

— Você não está prestando atenção — Layla cantarola à minha direita, com as pernas cruzadas e a mão remexendo na tigela gigante de pipoca que trouxe com ela. Layla administra a padaria da fazenda, enquanto Stella cuida do turismo e do marketing. Como Inglewild é do tamanho de um selo postal e Stella tem um desejo profundo de fazer da Fazenda Lovelight *o alicerce da comunidade*, ela agora espera que estejamos envolvidos em muitos dos negócios da cidade.

Eu nem sei qual é o propósito da reunião.

— De onde surgiu essa pipoca? — Desvio do assunto.

Olho para a bolsa gigantesca enfiada embaixo da cadeira de Layla. Sei que ela tem alguns brownies e metade de uma caixa de biscoitos lá dentro. Ela diz que a reunião bimestral de proprietários de pequenas empresas em Inglewild é uma chatice sem comida, e fico tentado a concordar. Não que ela tenha oferecido para compartilhar.

Layla balança um dedo bem na frente do meu rosto e ignora a pergunta.

— Você está com aquela expressão sonhadora. Está pensando na Evelyn.

— Não — minto. Suspiro e remexo os ombros, desesperado para aliviar a tensão neles. — Estava pensando na colheita da pimenta — acrescento.

Estou distraído. Estou assim desde duas noites tempestuosas de agosto. A pele escorregadia de suor. Os cabelos escuros como a noite. Evie St. James cheirava a sal marinho e tinha gosto de frutas cítricas.

Depois disso, não consigo manter a cabeça no lugar.

Layla revira os olhos e leva outro punhado de pipocas à boca.

— Ahã, tá bom. Acredito.

Stella se estende por cima de mim e arranca a tigela das mãos de Layla.

— Eles estão se preparando para começar. Seria bom se pudéssemos fingir um pouco de profissionalismo.

Eu ergo a sobrancelhas.

— Para a reunião municipal?

— Sim, para a reunião municipal. Da que estamos participando neste momento.

— Ah, sim. Sempre muito profissional.

Na última reunião municipal, Pete Crawford tentou obstruir Georgie Simmons durante uma votação sobre novas restrições de estacionamento em frente à cooperativa. Ele reencenou *Velocidade máxima*, com adereços e vozes.

Stella me olha feio e se volta para a frente da sala, a tigela de pipocas na dobra do braço. Layla se aproxima e apoia o queixo no meu ombro. Suspiro e olho para as pesadas vigas de madeira que cortam o teto de uma extremidade a outra e rezo por paciência. Há um balão vazio preso ali, provavelmente desde o evento do Dia dos Namorados que a cidade realizou no mês passado. Alguma coisa de encontros rápidos, acho. Minhas irmãs tentaram me obrigar a ir, e eu me tranquei em casa e desliguei o celular. Olho para o balão e franzo a testa. Um coração vermelho desbotado, murcho e preso, o barbante enrolado muitas vezes.

— Vocês se falaram desde que ela foi embora? — pergunta Layla.

Algumas vezes. Uma mensagem indiferente enviada no meio da noite, depois de muitas cervejas. Uma resposta genérica. Uma foto dela em um campo aberto, em algum lugar do mundo, com uma mensagem que dizia: *Não é tão bonito quanto a sua fazenda, mas ainda assim é bem legal*. Deixei o celular cair no chão sujo quando a mensagem chegou, o polegar traçando as palavras como se fossem a pele dela.

Uma influenciadora nas redes sociais. E uma bem importante, ao que parece. Ainda estou tentando entender. Mais de um milhão de seguidores. Eu a procurei certa noite, quando o silêncio da minha casa parecia sufocante, meu polegar batendo na tela do celular. Verifiquei a conta dela e não conseguia parar de olhar para aquele pequeno número no topo.

Nunca mais fui fuçar na conta dela.

Eu já tive encontros de sexo casual. Muitos deles. Mas não consigo tirar Evie da cabeça. Pensar nela é como uma fome no fundo do estômago, uma eletricidade logo abaixo da pele. Passamos duas noites juntos em Bar Harbor. Eu não deveria... não sei por que ainda a vejo quando fecho os olhos.

Envolvida nos lençóis. Os cabelos no meu rosto. Aquele meio sorriso que me deixou louco.

— Eu estava pensando em pimentas — repito, comprometido com a mentira. É melhor não dar a mão para Layla. Ela vai levar o braço inteiro e a camisa que você estiver vestindo. Eu cresci com três irmãs. Sei quando estão prestes a enfiar o nariz onde não são chamadas, assim como sei quando o vento vai mudar.

— Pela sua cara, você não está pensando em pimentas. Está pensando na Evelyn.

— Pare de olhar para a minha cara.

— Pare de fazer essa cara que está fazendo que eu paro de olhar.

Eu suspiro.

— Só acho uma pena, é isso. — Layla se estende por cima de mim e pega outro punhado de pipocas, e uma delas cai no meu colo. Dou um peteleco no grão, que bate bem na nuca de Becky Gardener. *Caramba*. Estremeço e afundo ainda mais na cadeira. — Vocês dois pareciam se dar bem.

O que parecíamos fazer era ficar um rodeando o outro, como dois filhotes de gato ariscos. Depois de visitá-la na pousada, prometi dar espaço o bastante para que ela fizesse seu trabalho. Essa promessa foi mais difícil de ser cumprida do que eu esperava. Vê-la parada entre fileiras e mais fileiras de árvores da fazenda, com um sorriso no rosto, as mãos passando pelos galhos — bom, foi como ser acertado por um taco de beisebol no rosto. Repetidas vezes. Mas o concurso era importante demais para Stella, e eu não estragaria nossas chances por causa de uma... de uma...

Paixonite? Um flerte?

Nem sei dizer.

Tudo o que sei é que foi desafiante ficar perto dela. Eu não conseguia parar de pensar no meu corpo emaranhado com o dela. O gosto de sua pele, logo abaixo da orelha. A sensação de ter aquele cabelo roçando meu queixo, ombros, entre minhas pernas. Eu me peguei querendo fazê-la rir, querendo falar com ela.

Posso contar nos dedos de uma mão as pessoas com quem *quero* conversar.

Mas Evelyn e eu demos um jeito, estabelecemos uma rotina enquanto ela estava aqui. Conversa cordial e acenos educados. Uma única fatia de pão de abobrinha compartilhada em uma tarde tranquila — com espaço suficiente entre nós. A mesma corrente elétrica que nos uniu em um bar no Maine se uniu lentamente em um fio tênue de conexão.

Então ela foi embora. De novo.

E, para meu azar, ainda não descobri como parar de pensar nela.

— Que tipo de pimenta?

Balanço a cabeça, tentando me libertar da imagem de Evelyn parada entre dois carvalhos imponentes nos limites da propriedade, o rosto de perfil, olhando para o céu. O sol jogando tons dourados cintilantes em sua pele, as folhas tremulando de leve ao seu redor. Limpo a garganta e ajusto minha posição na cadeira dobrável, o joelho batendo no de Layla. Sou grande demais para estas cadeiras, e há gente demais na sala.

— Quê?

— Que tipo de pimenta você plantou? Não vi nenhuma plaquinha indicando pimenta no campo.

Sinto minha nuca esquentar.

— Você nunca vai para os campos.

— Estou nos campos todos os dias.

Ela anda através dos campos, claro, a caminho da padaria, que fica bem no meio deles. Mas nunca vai até a área de plantação. A não ser que precise de alguma coisa. Coço o queixo, frustrado. Aposto minhas poucas economias que ela vai encontrar algo para ir me pedir amanhã de manhã.

— Pimentão — falo com os dentes cerrados.

Merda, agora preciso plantar pimentões. Layla cantarola, os olhos brilhando de malícia.

— De que cor?

— O quê?

— Qual a cor do *pimentão* — ela dá uma ênfase irritante nas palavras — que você plantou?

— Ele plantou pimentões-vermelhos nos campos do sudeste, em duas fileiras, ao lado das abobrinhas. Abobrinhas que você não vai receber se não prestar atenção — retruca Stella.

Layla e eu olhamos para ela em estado de choque. Stella não costuma ficar irritada assim. Isso sem mencionar que... não é verdade. E Stella e eu sabemos.

Um pouco do aço em seus ombros derrete e ela se larga na cadeira, devolvendo a tigela de pipoca para Layla.

— Desculpe. Estou estressada.

— Dá para notar — responde Layla rindo, voltando a remexer nos lanches. Seus olhos encontram os meus e ela sustenta o olhar, estreitando até que tudo que consigo ver é um vislumbre de avelã. Ela ainda tem um pouco de geleia no cabelo, dos doces que fez mais cedo. Morango, pelo que parece. Ela aponta o dedo bem entre minhas sobranceiras e me dá um único peteleco bem ali. — Não pense que vou me esquecer disso.

Eu afasto a mão dela. Pouco me importa se ela vai insistir nesse assunto pelos próximos seis meses. Vai soar como ruído para mim.

Volto minha atenção para Stella e encosto minha bota na dela. Minha sócia para de bater o pé, que ela balança em ansiedade, e faz uma cara feia.

— Desculpa.

— Não precisa pedir desculpa. — Dou de ombros e examino a sala. — O Luka não vem?

Se Luka estivesse aqui, ele passaria a mão nas costas dela e a faria derreter como manteiga. Eles eram assim antes de ficarem juntos, e levaram um tempo ridiculamente longo para ver o que estava bem na frente deles. Não ganhei o prêmio da aposta que estava rolando na cidade, mas foi por pouco. Gus, do corpo de bombeiros, não parou de falar disso e chegou a fazer uma placa para pendurar acima da área das viaturas no quartel. O MELHOR CUPIDO DE INGLEWILD, dizia, como se ele tivesse algo a ver com Luka e Stella se rodeando por quase uma década. Deslizo ainda mais no assento e tento arrumar as pernas para caber na maldita cadeira.

— Ele vem — explica, olhando para a porta e esperando como se pudesse fazê-lo aparecer por pura força de vontade. Ela afasta com uma mão os cachos pretos emaranhados de seu rosto. — Mas está atrasado.

— Logo ele vai estar por aqui então — garanto a ela. Tenho certeza que Luka não perderia esta reunião por nada. Mesmo que a pequena mãe italiana e todas as irmãs ferozes dela estivessem bloqueando a porta. Se ele disse que viria, deve chegar em breve.

— Ei. — Baixo a voz e me inclino mais para perto, consciente de Layla ainda comendo à minha direita. Ela começou a jogar as pipocas para o alto e pegar com a boca. Conseguiu pegar todas. — Eu não plantei pimentão.

Isso parece fazer Stella relaxar um pouco, um sorriso tímido aparecendo no canto da boca.

— Eu sei.

— Então por que mentiu?

— Porque parecia que você precisava de uma saída. E eu entendo um pouco de resolver os sentimentos primeiro antes de compartilhar com os outros. — A porta da sala se abre e Luka entra, procurando com o olhar. Os cabelos espetados vão em todas as direções, a camisa bagunçada, meio enfiada dentro da calça jeans. Parece que ele veio direto da fronteira de Delaware para cá. Stella dá um suspiro e abre um sorriso enorme. Um sorriso em resposta surge no rosto de Luka no segundo em que ele a encontra no meio da multidão. Observá-los juntos é como enfiar um cupcake com tudo na minha cara.

— Além disso... — Stella não desvia o olhar de Luka enquanto ele tenta ultrapassar as fileiras de pessoas para chegar ao assento vazio ao lado dela. Ele derruba uma cadeira dobrável e quase faz Cindy Crowell cair no chão junto. — Bom, já faz um tempinho que quero pimentões na fazenda.

— Ah, sim. Entendi agora.

— Os pimentões recheados do Luka são muito bons. — Ela ri quando Luka a encontra. Ele passa a mão por baixo dos cabelos dela no mesmo instante, fazendo seus ombros estremecerem um pouco enquanto se inclina para ele. Desvio os olhos para a frente da sala, onde o xerife Jones está se preparando no púlpito de madeira, mas não deixo de ouvir o murmúrio baixo entre eles, a maneira como Stella dobra seu corpo para cima dele. Como Luka engancha o pé na parte inferior da cadeira para puxá-la um pouco mais para perto.

Não é a primeira vez que sinto inveja deles. Nunca vivi algo do tipo com alguém. Nunca me aproximei de uma pessoa, ansioso para sentir o toque dos meus dedos em sua pele, vendo-a se inclinar para mais perto de mim.

Penso em meu polegar em um lábio carnudo, vermelho como uma cereja, e me remexo na cadeira. O metal range ameaçador embaixo de mim.

Eu ficaria muito feliz se conseguisse parar de pensar na Evelyn.

Layla se inclina por cima de mim, a tigela pressionando minhas costelas.

— O armário do almoxarifado está livre se vocês dois quiserem privacidade.

Dou risada. Stella resmunga. Luka se inclina para a frente e coloca a mão na tigela de pipocas.

— Ele tem tranca?

A gargalhada de Layla é alta o bastante para atrair a atenção da frente da sala. Algumas das senhoras interrompem a conversa para nos olhar, e Alex, da livraria, ergue seu café em saudação. Percebo o delegado Caleb Alvarez parado logo atrás do xerife, um sorriso apertado nos lábios, o olhar fixo em Layla.

Chamo a atenção de Stella, que sorri.

— Tudo bem, vamos dar início à reunião. — O xerife Dane Jones limpa a garganta e depois limpa a garganta de novo, a conversa na sala diminuindo enquanto todos se acomodam. — Primeira ordem do dia. Sra. Beatrice, o Departamento de Polícia agradecerá se a senhora parasse de tentar rebocar sozinha os carros parados em frente ao café. Você não tem o equipamento certo, e usar seu veículo como arma de pancada resultou em algumas reclamações.

— Ela tentou me matar — Sam Montez grita do fundo da sala, o chapéu caindo para o lado enquanto pula da cadeira. — Estacionei o carro por um minuto, dois no máximo, e ela tentou me matar!

Escondo meu sorriso atrás do punho. Sam tem o péssimo hábito de estacionar em fila dupla. Geralmente não é um problema nas ruas da nossa pequena cidade, mas é irritante mesmo assim. Mal consigo distinguir o topo da cabeça da sra. Beatrice no fim da primeira fila, os cabelos grisalhos presos em um coque

bagunçado. Ela murmura algo que não consigo entender. Dane franze a testa, e Caleb praticamente se engasga com a própria língua.

— Bom, não precisa fazer ameaças. Se alguém estiver bloqueando a área de descarga, você pode ligar para mim ou para o Caleb.

Ela murmura mais alguma coisa e Shirley, do salão, fica boquiaberta. Dane aperta a ponte do nariz entre o polegar e o indicador.

— Bea, o que eu falei sobre fazer ameaça de violência física na frente de um policial? Sam, sente-se.

Sam se senta na cadeira e coloca o chapéu. Luka estende a mão para pegar outro punhado de pipocas da tigela de Layla.

— Você não estava brincando sobre esta reunião, Lalá.

— Elas não são sempre assim — diz Stella, aceitando um bocado da pipoca que ele oferece.

— São, sim — Layla e eu respondemos em uníssono.

— Dando sequência... — Dane olha para a pilha de papéis no púlpito e solta um gemido abafado. Ele encara Caleb com uma expressão suplicante. Caleb dá de ombros e Dane se vira para a sala. — Sra. Beatrice, se a senhora pudesse, por gentileza, retirar os cartazes de PROCURADO da vitrine da loja, seria ótimo.

Desta vez, não sou o único que tem que segurar o riso. A sala irrompe em um murmúrio baixo e Caleb se vira para esconder a risada, de costas para o público, os ombros chacoalhando. A sra. Beatrice tem colocado cartazes de PROCURADO em suas janelas há meses, desde que pegou dois turistas no banheiro usando a pia de maneiras novas e criativas.

Dane inclina a cabeça para ouvir o que a sra. Beatrice tem a dizer sobre o assunto.

— Concordo que indecência pública é crime, mas, repito, basta ligar para mim ou para o Caleb. — Ele ergue a mão para interromper a resposta dela e olha para o púlpito, ansioso para continuar. Mas o que quer que tenha visto ali o faz dobrar toda a pilha de papéis com um resmungo. — Tudo bem, Beatrice, obviamente você e eu precisamos ter uma conversinha particular. Vamos deixar os outros sete tópicos para mais tarde.

— Você acha que alguém reclamou da recusa da sra. Beatrice em comprar leite de amêndoa? — sussurra Layla. Na verdade, ela comprou. Mas colocou em uma vasilha que dizia suco hipster.

— Deve ter alguma coisa a respeito de Karen e o incidente com o café com leite — respondo. É raro que eu vá até a cidade durante as tardes, mas estava

passando por acaso no dia em que a sra. Beatrice se recusou a servir Karen Wilkes por ela ter sido rude com os garçons. De alguma forma, um café com leite se espalhou por toda a jaqueta de pele sintética de Karen. Não posso dizer que a culpo por isso.

— Tudo bem. — A voz de Dane ecoa pela sala e todos se acomodam de novo. — Próximo. A pizzaria é, hum... — Ele hesita, passando a ponta dos dedos no bigode e no queixo. Ele bate uma única vez ali e olha ao redor da sala. — O Matty gostaria que todos vocês soubessem que vai ter um dia especial este mês. Metade dos lucros das quartas-feiras vai para a escola primária, para financiar as viagens científicas.

A mão de Stella dispara no ar. Dane parece querer sair pela porta e andar sem parar.

— Sim, Stella?

— Agora é uma boa hora para compartilhar que acho que vocês dois são o casal mais fofo que já vi e dar meus parabéns por enfim estarem morando juntos?

— Gostei da guirlanda que vocês colocaram na porta — acrescenta Mabel Brewster de algum lugar no meio da sala. — E o bebedouro no jardim da frente. Não sabia que você tinha tanto talento para jardinagem, xerife.

O restante da sala explode em uma série de comentários e perguntas sobre a vida amorosa do xerife.

— Você viu os dois no mercado dos fazendeiros? Juro que nunca vi Dane Jones sorrir tanto.

— Quer dizer que ele sorriu uma vez? Porque acho que esse é o recorde permanente.

— Eles estavam de *mãos* dadas. Ele comprou *flores* para o Matty.

— Cadê o Matty? Você não pode mantê-lo trancado só porque agora vocês dois são um casal.

Afundo ainda mais na cadeira, o ruído das conversas ficando cada vez mais alto, aos poucos tomando conta de mim. É como um zumbido na minha cabeça, nos ouvidos. Pressiono fundo o polegar na palma da mão e tento focar ali.

Dane parece prestes a explodir na frente da sala, as bochechas com um tom vermelho flamejante acima da barba, as mãos mexendo no chapéu enfiado debaixo do braço.

Cutuco Stella com o cotovelo.

— Não tem medo que isso se vire contra você?

— Como assim?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um amor de cidade pequena" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).